



BOVINOCULTURA LEITEIRA

ALIMENTAÇÃO DOS BOVINOS DE LEITE COM VOLUMOSOS

Um dos pontos mais relevantes na produção animal é a alimentação, a base da alimentação dos bovinos de leite são os volumosos. Os alimentos volumosos são aqueles que apresenta teor de fibra bruta acima de 18% em relação ao total da matéria seca (porção de alimento retirando a água) e no geral baixo teor energético, esses alimentos são divididos em volumosos secos cujo principal exemplo é o feno, os volumosos verdes ou úmidos sendo os exemplos a cana de açúcar e as pastagens, temos ainda os volumosos ensilados que passaram por um processo fermentativo como a ensilagem de milho por exemplo.

Os volumosos são necessários aos bovinos de leite para a manutenção da saúde do sistema digestório, já que estes animais são ruminantes tendo por característica o estômago dividido em quatro compartimentos o que permite capacidade de regurgitação dos alimentos ingeridos, este processo torna o animal capaz de extrair os nutrientes de alimentos altamente fibrosos e a inclusive a manutenção da vida do animal depende da ingestão de volumosos.

Se o produtor deseja iniciar um projeto de bovinocultura leiteira ou quer melhorar um projeto já implantado o primeiro passo é constituir uma boa fonte de volumosos para garantir aos animais disponibilidade de alimento em quantidade e qualidade, para o ano todo.

A opção por qual dos tipos de volumoso utilizar depende de uma série de fatores, se o produtor pretende manter os animais confinados a opção principal é por capineiras trituradas e fornecidas aos animais, feno ou volumosos fermentados como as silagens, porém é importante considerar que a alimentação por meio de volumosos mais barata e acessível para bovinos leiteiros é por meio da pastagem.

Um dos grandes desafios na produção de volumosos e em especial pastagens no Brasil é manter a quantidade e qualidade durante todo ano, pois o país apresenta duas estações bem definidas: inverno (frio e seco) e verão (chuvoso e quente) e a tendência

natural é que as forragens se desenvolvam melhor em termos de quantidade e qualidade no verão (quente/chuvoso).

A qualidade das forragens está relacionada a estrutura destas plantas que são formadas basicamente por folhas e talos, as folhas tem maior qualidade nutricional e são mais palatáveis sendo portanto preferidas pelos bovinos quando estão pastejando em relação aos talos que são estruturas de reserva das plantas portanto menos nutritivas e palatáveis, porém não basta às forragens terem grande quantidade de folhas é importante também que as plantas estejam no ponto ideal para o pastejo, isso é um volumoso de qualidade, o ponto ideal de consumo de pastagens bem formadas para a maioria das forrageiras tropicais está apta a um novo pastejo depois 28 a 35 dias de rebrota ou seja depois de pastejado em média o capim precisa deste total de dias para apresentar novamente um ponto desejável para o consumo apresentando uma boa relação entre o quantidade produzida e a qualidade.

Sistemas de produção de bovinos a pasto

O sistema de produção de bovinos a pasto pode ser intensivo ou extensivo, não existe modelo perfeito para a produção e sim vantagens e desvantagens em cada um deles e qual se adapta melhor a realidade do produtor:

Os sistemas extensivos são mais utilizados em bovinos de corte, porém podem ser adotados também na produção de leite sendo um sistema em que os animais são colocados em uma manga geralmente de grande extensão e permanecem pastejando continuamente a área, nestes sistemas não há grande investimento tecnológico nem controle eficiente da qualidade da pastagem, algumas características da produção leiteira extensiva são: menor utilização de mão de obra com vacas sendo ordenhadas geralmente de forma manual uma vez por dia havendo a necessidade da presença do bezerro para a vaca apoiar, as pastagens estão sempre sobre pastejo o que pode gerar degradação se não houver cuidados, a produção de leite é muito variável durante o ano sendo maior no período chuvoso e menor em épocas secas, pode ou não haver a suplementação com volumoso e/ou ração, os animais utilizados tem baixa aptidão leiteira contribuem para a baixa produção também a baixa qualidade das pastagens e o grande deslocamento dos animais, nestes casos em geral o produtor tem grande extensão de terra a rentabilidade por hectare é baixa.

Já os sistemas de pastejo intensivo são aqueles em que ocorre a rotação dos animais nas pastagens, são conhecidos como pastejo rotacionado, nestes os animais permanecem, em condições ideais, em uma área de pastagem por até 7 dias lembrando que quanto menor o período de ocupação da pastagem melhor a manutenção do nível de qualidade na alimentação, em pastejos rotacionados bem manejados o ideal é que as vacas permaneçam no piquete de 1 a 3 dias e esta é uma das características positivas: a qualidade e quantidade constante na alimentação (animais comendo folhas de capim o ano todo) outros pontos são a possibilidade de maior quantidade de animais por área, maior produção (uso de animais mais produtivos, melhor alimentação e menor deslocamento para buscar alimento), diminui a degradação das pastagens, possibilita o controle de entrada e saída dos animais utilizando período de ocupação e período de descanso e por isso a recuperação da pastagem sem animais, minimiza a variação na produção de leite devido ao clima (verão ao inverno), permitem a utilização de forragens de melhor qualidade, torna mais viável a adubação e irrigação das pastagens além da suplementação com ração durante todo o ano de acordo a necessidade de cada animal e o fornecimento de volumosos nos períodos de menor produção de capim.

REFERÊNCIAS

Bovinocultura: manejo de vacas em lactação e vacas secas. Brasília, DF: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, 2020. p. 56. (Coleção Senar, 269)

Campos, Oriel Fajardo de; Miranda, João Eustáquio Cabral de. (ed.) **Gado de leite: o produtor pergunta, a Embrapa responde** 3ª. ed. rev. e ampl. Brasília, DF :Embrapa, 2012. p. 311 (Coleção 500 perguntas, 500 respostas)

Manejo de Pastagens 2ª ed. Brasília, DF: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, 2012. p. 38. (Coleção SENAR, 157)

NETO, João Gonsalves. **Manual do produtor de leite.** 1ª edição - reimpressão. Viçosa, MG: Aprenda fácil, 2016. p. 864.